

## RE-ELOGIOS E CONTESTAÇÕES: OS RUMOS DO NACIONALISMO LATINO-AMERICANO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Cláudio Farias de Souza Júnior<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever os discursos que fomentaram o debate nacionalista nas nações latino-americanas entre o final do século XIX e início do século XX. Enquanto as elites buscavam estabelecer a hegemonia do Estado-nação reforçando os parâmetros advindos da formação dos Estados pós-independência, surgiam críticos que contestavam o modelo de nação vigente, por omitir a participação popular, negligenciando os regionalismos e a multiplicidade étnica do continente. E é nesse debate que se sustenta a nossa discussão: fazer a exposição de algumas dessas idéias que alimentavam o pensamento identitário da América Latina no período, destacando o caso mexicano, que acabou se tornando o espelho para os discursos nacionalistas no início do século XX a partir da ação revolucionária em 1910.

**Palavras Chave:** Nacionalismo, Identidade, Ação Popular.

### INTRODUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO IDEAL

As várias facetas que o conceito de nação pode tomar têm como principal ponto de partida a idéia do “querer ser”, de projeção para o futuro, idéia que evidentemente julga dar conta de diferentes realidades presentes em um território. A construção de uma autêntica identidade de seu respectivo povo, sempre orientada pelos modelos europeus, foi um anseio que alimentara as elites da América pós-independente. Logo em seguida, seriam criados e idealizados todo um imaginário de símbolos, tradições e costumes seriam inventados e distribuídos a estas nações, sempre com suas devidas exaltações e omissões referentes ao passado das mesmas.

A busca do caráter nacional e sobre as origens da nação estão muito relacionados às dificuldades de construção de ordenamentos políticos estáveis. A isso, somou-se o fato de constituir-se um contingente populacional ‘transplantado’, com origens variadas, conforme o país.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O autor é estudante da Licenciatura em História na Universidade Federal do Ceará, UFC.

A partir da segunda metade do século XIX, em meio a uma pertinente discussão quanto ao pensamento identitário, e às espreitas do primeiro centenário da independência, de vários países latino-americanos, podemos evidenciar diversos posicionamentos intelectuais e acontecimentos de forte repercussão social que consequentemente viriam influenciar nesse debate. Nos voltemos agora à exposição de algumas dessas idéias.

## O HISPANISMO

*A História mostra definitivamente uma indução recíproca entre os progressos da atividade utilitária e da atividade real.*

(José Enrique Rodó)

O hispanismo, conceito fortemente defendido na construção dos Estados latino-americanos, entra novamente em cena devido a duas questões aí implícitas: a primeira delas seria o avanço dos interesses norte-americanos perante os países latinos, fato que tornaria viável a colonização das raízes hispânicas; já o segundo motivo, seriam os intuítos espanhóis de recuperação de sua hegemonia perante as antigas colônias. Trata-se de um restabelecimento tanto do antigo prestígio imperial, como também do seu poderio econômico<sup>2</sup>. Em meio às intempéries vividas pela Coroa espanhola surgira o anseio de propagar o ideal da “raça ibérica” junto aos seus antigos potentados, acompanhado de um desenvolvimento científico e cultural. São exemplos dessa política a preservação das ilhas de Cuba e Porto Rico, tidas como base de sustentação do “Império Cultural”<sup>3</sup>, na América e a negociação de tratados de Amizade, Comércio e Navegação” com as nações da América na segunda metade do século XIX.

Mesmo apresentando seus pontos de ambigüidade, (como a idéia do imperialismo humanitário, que servira apenas para a afirmação da empresa imperial, e também dos diversos desentendimentos proporcionados pela postura de superioridade ante as demais ex-colônias, ainda avessas à presença do estrangeiro em seu território), a idéia da raça ibérica inspiraria de forma incisiva a produção do pensamento intelectual latino-americano.

É evidente nesses trabalhos o rompimento com o posicionamento positivista de outrora, formulando uma idiossincrasia totalmente inovadora, porém ainda tributária do passado ibérico. Tais idéias ganharam mais força com o advento do centenário de

independência de diversas nações da América espanhola, que preparavam suas respectivas comemorações com base na exaltação da matriz hispânica, no intuito de mostrar sua vitória sob a “barbárie”, estabelecendo de forma definitiva a égide da civilização na América. De maneira mais específica, observemos o caso chileno, ora analisado por Gerson Ledezma, que elucida as aspirações do país que fomentam tal elogio:

Ese hispanismo, además de responder a los anarquistas y al cosmopolitismo, también sería una respuesta a los intelectuales (...). Cabe resaltar que esa hispanidad, traducida en la ‘raza ibérica’ en la cultura latina, unificaba todo el conjunto de ex colonias en un mismo ritual simbólico de unión americana contra la cultura anglosajona.<sup>4</sup>

O elogio ao hispanismo estaria então estruturando e idealizado pela elite chilena negando quaisquer valores advindos dos grupos indígenas tidos como atrasados e carentes de “civilização”<sup>5</sup>. Podemos citar também como exemplos de grupos que buscaram manter um discurso nacional a partir da matriz hispânica o México, que teve tal debate fomentado com a ascensão da ditadura porfirista. O resgate de um passado a qual se julgava ser o ideal, advindo da matriz ibérica, se faria então valer frente os regionalismos que ameaçavam a identidade nacional. Isso sem falar no repúdio às matrizes indígenas, tão comuns em ambos os casos.

Esse hispanismo que então se propaga teve como uma das principais bases de apoio à obra do uruguaio José Enrique Rodó, *Ariel*. Nele, encontra-se a idéia de um pensamento nacional que ainda dialoga com os modelos externos apesar de não haver mais em sua obra exaltações em um ponto de vista positivista. Rodó, preocupado com o advento de mais uma possível dominação cultural (dessa vez a dominação norte-americana), se volta ao resgate da singularidade hispânica, que suplantaria de vez o cosmopolitismo anglo-saxônico. Ao defender as contribuições européias ante o utilitarismo *yankee*, o autor fomenta a base do pensamento das classes dirigentes: a construção de nações brancas e “civilizadas”, livres do “exotismo” indígena. De certa forma, tal via de pensamento seria tão prejudicial quanto à adoção dos valores anglo-saxônicos, visto que o ideal hispanista também não contemplaria a multiplicidade étnica da América.

Enquanto a utopia do branqueamento e da disciplinarização do espaço eram (pelo menos na visão das elites) postos em prática, concomitantemente surgiam as reações contrárias ao hispanismo, formada por homens que vão defender as raízes

autóctones com sendo o elemento preponderante na construção do que para eles seria o verdadeiro nacionalismo.

## O NACIONALISMO LATINO-AMERICANO E AS CRÍTICAS AO HISPANISMO

*Enxerte-se em nossas Repúblicas o mundo; mas o tronco terá de ser o de nossas Repúblicas.*

(José Martí)

Hans Joachim König, ao analisar as diferentes interpretações para o surgimento do nacionalismo em determinado território, se volta aos processos políticos e sociais de desenvolvimento que estimulam os movimentos e condutas nacionais<sup>6</sup>, cita o “conceito sociológico-comunicativo” de Karl W. Deutsch a qual defende que a consciência nacional

...depende de la extensión, intensificación y modificación del contenido de sus hábitos e posibilidades de comunicación, como resultado de una creciente movilización social y de una progresiva integración (...). El nacionalismo es concebido entonces como una ideología que tiende a forzar este proceso mediante una comunicación más intensiva dentro de una colectividad que se identifica por compartir un idioma y una cultura.<sup>7</sup>

Um projeto de desenvolvimento à longo prazo, projetando paulatinamente o processo de formação nacional. São essas as prerrogativas de Deutsch para o entendimento do nacionalismo em âmbito social.

König também evidencia o “modelo de crise” do *Comitee on Comparative Politics*,<sup>8</sup> sustentada pela forma com que os governos tendem a resolver os problemas da respectiva nação, que mesmo sem seguir uma seqüência rígida de crises e desafios, permite dar conta das diversas circunstâncias históricas.

Os modelos de estudo acima elucidados podem nos dar um maior entendimento dessa situação de críticas e redirecionamentos propostos pelos ideólogos que ansiavam por esse novo nacionalismo. Contrários aos re-elogios à pátria-mãe, esses homens tratam de compreender as situações socioeconômicas de seus respectivos países. Voltando ao caso chileno, vemos intelectuais como Enrique Mac-Iver Rodriguez e o seu *Discurso Sobre a Moral da República*, denunciando a crise moral e pública no Chile, culpando a classe dirigente pelo retrocesso no desenvolvimento do país.<sup>9</sup> Nicolás

Palacios defendia o elogio da mestiçagem, fruto do vigor do povo chileno.<sup>10</sup> *El Roto* (a definição do camponês, operário, do homem chileno das classes desprotegidas), deveria despertar e se encontrar apto pra enfrentar as intempéries proporcionadas pela imoralidade dos ricos. Os exemplos de Rodriguez e Palacios exemplificam bem a situação em um país onde a questão nacional não se encontrara bem resolvida como se julgava a princípio.

De uma forma mais geral no continente, destaca-se a obra *Nuestra America*, do cubano José Martí. Da mesma forma que fez Rodó em seu *Ariel*, mas a partir de um ponto de vista marxista, Martí foi um ferrenho contestador dos modelos externos: defesa que pode se justificar pelo domínio espanhol exercido em Cuba. Assim como o autor uruguaio, Martí procurou estabelecer os limites entre admiração e subserviência, nas suas devidas proporções.<sup>11</sup> Culpava as heranças do passado colonial por serem as principais causadoras dos males da América Latina, além de estabelecer uma crítica ferrenha aos positivistas e deterministas de sua época,

...ao referir-se aos males de origem dos países latino-americanos (...). Esse tipo de argumentação narrativa tem uma relação muito próxima com os discursos dos autores do século XIX no que se refere à busca dos males, dos obstáculos para a construção da nação. (...) Martí atribuía as causas do fracasso de “Nossa América” a um processo histórico que reservava o mesmo processo, os próprios governantes latino-americanos assumiam um compromisso singular.<sup>12</sup>

A crítica ao hispânico contribuiu para a eclosão de um novo nacionalismo no início do século XX, por ser defendida por críticos que se opuseram às elites em clima de festa e dissiparam suas denúncias ao sistema vigente. A produção de alguns desses homens inspirariam a ação de movimentos que lutariam pela autonomia dos povos latino-americanos. Movimentos estes que também ajudariam a re-configurar o mapa sociopolítico do continente pelos resultados que obteriam, sem falar no re-ordenamento que proporcionaram à esfera política. O caso mexicano, por exemplo, evidencia bem tal conjuntura social vivida na América espanhola.

## **MÉXICO: REGIONALISMO X ESTADO-NAÇÃO**

*O Conflito é um ingrediente próprio do processo de construção da nação.*

(Richard Sinkin)

As críticas ao legado europeu formuladas pelos indianistas chilenos, que lutavam pelo resgate das identidades étnicas,<sup>13</sup> podem ser vistas de forma semelhante

no caso mexicano. O anseio da construção do Estado nacional nos modelos positivistas não se daria de forma pacífica no México, visto os grandes contingentes étnicos ali presentes. Junte-se a isso a defesa dos regionalismos formulada pelas entidades locais. São essas afirmações de identidade a força motriz do debate nacional, que contrapõem os pressupostos da aristocracia dominante, reivindicando suas próprias origens e valores.

En los varios periodos de la historia de México los distintos grupos que integraron la sociedad establecieron diferentes relaciones con el pasado y, por consiguiente, crearon diferentes imágenes del mismo, antagónicas de las que desplegaron otros sectores sociales.<sup>14</sup>

Desde os primórdios da dominação espanhola, vemos um México envolto e consciente de suas tradições advindas do indianismo. A partir do momento em que se tornaram livres desse domínio, surgira o dilema na construção da nova nação: instituir o culto ao hispanismo, fechando os olhos para as mazelas do período colonial provocadas pela “pátria-mãe”, ou firmar a égide da nação por meio das antigas raízes indígenas? Enrique Florescano, ao analisar o(s) discurso(s) referentes à construção do Estado mexicano, frisa os problemas que estes hiatos da memória nacional trariam, como o modo intolerante de enxergar o passado em ambas as visões<sup>15</sup>.

O projeto político promulgado em 1812 em Cádiz tinha como principal objetivo submeter à diversidade da nação à unidade do Estado. Surge daí a imagem do México integrado, dono de um passado antigo e glorioso, projetando seu futuro. E entre o panteão de inimigos desse Estado político estava o indígena, que supostamente se opunha à nação moderna.

El señalamiento de los indígenas como enemigos del progreso, o la acusación de que eran culpables del atraso y los fracasos del país, puso en movimiento una campaña insidiosa que terminó por configurar una imagen negativa del indígena. La prensa, los libros, los discursos, la pintura y los medios más diversos difundieron una imagen degradada y salvaje de los indígenas que se generalizó en el siglo y se adentró en las partes más profundas de la conciencia nacional.

A defesa do elemento indígena fomentou a afirmação de um novo cânone historiográfico no México, como evidencia Florescano.

O antagonismo continuaria a se desenvolver com o passar dos anos por meio das esferas jurídica e econômica, ameaçando a autonomia dos grupos regionais. Temos como ápice do Estado político mexicano a ascensão de Porfírio Díaz ao poder em 1876,

que buscou a unidade do território mexicano por meios ditatoriais. Tendo o governos de Diaz avassalado as forças locais, surgira então um crescente número de obras e relatos nos primeiros anos do federalismo porfirista, afirmando o elogio à entidade regional. Obras estas que não eram escritas por historiadores profissionais, porém eram envoltas a um forte sentimento nacionalista<sup>16</sup>. Se a história dita oficial negligenciava a presença de povos e regiões ali presentes, tornou-se necessária a sua contestação.

Florescano comenta sobre a trajetória desses relatos de caráter regional, que já apareciam desde o período colonial<sup>17</sup>. Em meados do final do século XIX, o número de obras tendeu a crescer devido os primeiros passos do ideal federalista no México. Os registros destes relatos são remetidos à estados como Yucatán e Jalisco, centros importantes da Revolução de 1910.

A produção dos relatos encarnou de forma excepcional na eclosão da ação revolucionária. Em um período em que a aristocracia fundiária mexicana avançava na expropriação dos territórios indígenas, urge a necessidade desse novo discurso, voltado ao regional. A história dos povos mexicanos não poderia mais se encontrar refém da “historiografia maior” como acusava Luiz Gonzales<sup>18</sup>. À medida em que o capital avançava, a defesa dos camponeses e líderes locais se intensificava por meio dessas prerrogativas.

...a ação das massas é consensual, intencional e redistributiva; a violência coletiva dá a medida da transformação estrutural; e o nacionalismo agrega interesses numa divisão limitada do trabalho. Em palavras simples, o movimento do povo é um movimento “pelo povo” para “o povo” (...) a Revolução foi desencadeada inicialmente para resolver um problema político, a sucessão de Porfírio Diaz, mas as massas populares em todas as regiões logo se envolveram numa luta que transcendeu a política para exigir reformas econômicas e sociais.<sup>19</sup>

## CONCLUSÃO

A preocupação em definir o conceito de nação em negação ao hispânico, seguido da ação das massas no território mexicano acabaram influenciando a luta dos diversos grupos étnicos espalhados pela América Latina no século XX. A busca por autonomia desses grupos implicou em um re-ordenamento das políticas latino-americanas, que passaram a se preocupar não só com as ameaças externas à soberania das nações, mas também com a as reivindicações vindas “de baixo”. O continente passaria então a vivenciar profundas transformações, também impulsionadas com a

crise de 1929 e o advento das classes operárias nos grandes centros urbanos, todos os elementos que constituíram esse novo nacionalismo passariam a ser levados em conta pelos governos ditos populistas, como foi o caso de Lázaro Cárdenas no México.

## NOTAS

---

<sup>1</sup>WASSERMAN, Cláudia. *Percursos Naturais Latino-Americanos: “Nuestra América”, de José Martí, e “Ariel”, de José Enrique Rodó –As Condições de Produção e o Processo de Repercussão do Pensamento Identitário* in: PRADO, Maria Emília. *Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro: CNPQ, 2004.

<sup>2</sup> HEREDIA, Edmundo. *El Imperio del Guano. América Latina ante la Guerra de España en el Pacífico*. Córdoba (Argentina): Alción Editora, 1998, p.16.

<sup>3</sup> HEREDIA, Edmundo, *op. Cit.*, p.11.

<sup>4</sup> LEDEZMA, Gerson. Chile en el Primer Centenario de la Independencia en 1910: Identidad y Crisis moral. In: Revista *Historia y Espacio*, n.26. Cali: Universidad del Valle, 2006.

<sup>5</sup> LEDEZMA, Gerson. *Op. Cit.*, p.15.

<sup>6</sup> KÖNIG, Hans Joachim. *El Camino Hacia la Nación – Nacionalismo en el proceso de formación del Estado de la Nación de la Nueva Granada, 1750 a 1856*. Bogotá: Banco de la República, 1994.

<sup>7</sup> KÖNIG, Hans Joachim, *op. Cit.*, p. 28.

<sup>8</sup> KÖNIG, Hans Joachim, *op. Cit.*, p. 29-30.

<sup>9</sup> LEDEZMA, *op. Cit.*, p.18.

<sup>10</sup> LEDEZMA, *op. Cit.*, p.19.

<sup>11</sup> WASSERMAN, Cláudia, *op. Cit.* p.137.

<sup>12</sup> WASSERMAN, Cláudia, *op. Cit.* p.141.

<sup>13</sup> LEDEZMA, *op. Cit.*, p.09-10.

<sup>14</sup> FLORESCANO, Enrique. *Memoria Mexicana*. México: FCE, 2002, p.533.

<sup>15</sup> FLORESCANO, erique, *op. cit.*, p. 538.

<sup>16</sup> FLORESCANO, *op. Cit.*, p.557.

<sup>17</sup> FLORESCANO, *op. Cit.*, p.556.

<sup>18</sup> FLORESCANO, *op. Cit.*, p.557.

<sup>19</sup> WOMACK, John. *A Revolução Mexicana, 1910-1920*. in: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: de 1870 à 1930, volume V*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2002.